

A SERRA DAS ABÓBORAS

Carlos Henrique, Eujeane Jardim e Silva, Fabrício Costa
Souza, Lázaro Alves, Natanael Macedo Souza, Norma
Bruna Maia.

**CARLOS HENRIQUE, EUJEANE JARDIM E SILVA, FABRÍCIO COSTA SOUZA,
LÁZARO ALVES, NATANAEL MACEDO SOUZA, NORMA BRUNA MAIA.**

A SERRA DAS ABÓBORAS

Portfólio apresentado ao projeto **EPA – Educação Patrimonial Artística**, como requisito avaliativo na concorrência classificatória de melhor desempenho. Por solicitação da **Secretaria Estadual de Educação da Bahia** e orientação dos professores do ano em curso **Gilmar Figueiredo** e **Uilson Magalhães** do **Colégio Estadual Luís Eduardo Magalhães de Botuporã - BA**.

**BOTUPORÃ
JUNHO DE 2013**

AGRADECIMENTOS/DEDICATÓRIA

Ao Sr. Joaquim Vieira Silva, pelas informações e disponibilidade de nos acompanhar e repassar informações que foram cruciais para a formação desse portfólio.

Aos professores Gilmar Figueiredo e Uilson Magalhães pelas instruções da estrutura desse presente portfólio.

Aos demais professores que contribuíram para que esse projeto acontecesse e por ter nos incentivado a buscar cada vez mais informações.

A todos que direta ou indiretamente nos ajudou com o transporte e fontes de pesquisa.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	04
2. DESENVOLVIMENTO.....	05
3. REGISTROS/FOTOS.....	08
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	10
5. REFERÊNCIAS	11

1. APRESENTAÇÃO

Este presente portfólio tem como objetivo a apresentação de um conjunto de patrimônios naturais interligados, porém, o patrimônio em foco será um natural da cidade de Botuporã - BA, localizado na ramificação da Serra da Sapiranga, a Caverna da Serra das Abóboras. Abordando também dois temas que contextualizam a atual situação da região, sendo eles o descuido com a natureza e a preservação ambiental.

2. DESENVOLVIMENTO

A ramificação da Serra da Sapiranga, a Serra das Abóboras recebeu esse nome por já ter sido no século XX vasta no plantio de plantas do gênero *Cucurbita spp.* conhecidas comumente como abóboras, que pela fertilidade do solo friável, aluvial e outros fatores como a boa estruturação, topografia plana com leve ondulação, fácil irrigação pela chuva, boa drenagem que não permitia a inundação e principalmente o clima semiárido permitia o cultivo em abundância, a economia dos agricultores habitantes próximos a essa região também se baseava na plantio de milho, feijão e mandioca que além de usar para o consumo próprio vendiam na feira.

A feira é um evento econômico de extrema importância para a população e desde o século XX é integrada aos costumes dos municípios e comunidades locais de Botuporã desde sua colonização pelos portugueses Marques e Castros que tiveram forte influência na cultura. Segundo o senhor Joaquim Xavier da Costa (*in memoriam*), residente da comunidade de Paulista, relatou em uma entrevista amadora realizada por Waldionor Batista a ocorrência da primeira feira livre em Botuporã, no ano de 1924 quando a cidade se encontrava em processo de urbanização e a feira era realizada na comunidade vizinha, Lagoa Clara.

Outra atividade econômica da época era oriunda de uma comunidade próxima, a Comunidade do Tigre, atividade que ficou conhecida pelos demais como Salina do Tigre. Basicamente, se tratava da evaporação de água salgada do lago, algumas donas de casa acordavam logo cedo em busca do sal gerado por esse fenômeno. O ganho por um quilograma de sal não era grande no século XX, mas suficiente para satisfazer as necessidades das famílias, o que acabava gerando brigas e confusões entre essas donas de casa que queriam grandes quantidades. O sal coletado era vendido em Botuporã (chamada de Fazenda Caititu na época) e Tanque Novo (chamado de Furados na época).

As demais comunidades próximas se reuniam nessas feiras e vendiam seus alimentos e produções como rapadura, farinha de mandioca, frutas, verduras entre outros. Muitos utilizavam o escambo para satisfazer suas necessidades, o que foi se tornando obsoleto para os agricultores e suas famílias.

A caverna da Serra das Abóboras sempre se manteve como um mito na região costeira, não se sabe ao certo quem realmente a descobriu. O agricultor e ambientalista Joaquim Vieira Silva reside na Comunidade Mendonça há 12 anos e desde sua adolescência ouvia de seu pai boatos sobre a existência dessa caverna, mas com 17 anos deixou o local e foi trabalhar fora como gesseiro retornando em 2000 a sua terra natal.

No ano de 2002, curioso sobre os relatos do pai, Joaquim decidiu procura-la e a encontrou com dificuldades na primeira vez, na segunda já não se lembrava do percurso tomado anteriormente e após encontrá-la novamente decidiu marcar o caminho com um facão. Após essa descoberta, ele logo espalhou para amigos e parente sobre a existência dessa caverna que logo foram passadas adiante. Atualmente com 62 anos, Joaquim continua guiando turistas a caverna para excursões e pesquisas.

Por se tratar de uma formação contemporânea à rocha que a abriga, se trata de uma caverna primária, sua abertura tem o formato de meia lua e possui cinquenta e um metros de profundidade, nove metros e meio de largura e dois metros e oitenta centímetros de altura.

Morcegos e Corujas-buraqueiras habitam a caverna, as fezes desses animais geram um odor desagradável, o que a torna prejudicial à saúde caso seja explorada sem materiais apropriados, por se tratar de um fungo chamado comumente de histoplasma (*Histoplasma capsulatum*) formado pelo acúmulo fezes do morcego, um pó branco e tóxico que quando inalado causa a doença respiratória denominada histoplasmose.

A Serra das Abóboras possui uma flora característica da caatinga embora sua fauna antes fora rica em espécies como o macaco-prego, periquito-gangarra, onça-pintada, asa-branca, preá, veado catingueiro, maracanã e tatu-bola-da-caatinga. Atualmente poucas espécies se encontram na região já que grande parte ao passar dos anos migraram para outros locais próximos limitados ao *homo sapiens*.

Alguns animais como a raposa são obrigados a sair das suas tocas no período de Agosto à Janeiro, período de seca, que assola o solo e as fazem ir à busca de alimentos; Algumas onças-pintadas que ficam no pico da serra e diversas espécies de pássaros característicos da região continuam habitando a serra. Antigamente, a caça era frequente pelos moradores próximos da região, o que gerou não só a extinção como expulsão de várias espécies devido à ocupação humana.

A altitude da caverna permite aos turistas uma bela visão da paisagem da Serra das Abóboras, podendo até ser avistado os municípios de Tanque Novo, Botuporã e Paramirim. Em períodos de seca a visão que se tem do local é a grande parte das árvores secas, já em tempos chuvosos a paisagem é totalmente modificada, na qual o verde realça ainda mais a beleza da região. É possível ter uma melhor visão indo para cima da caverna através de um caminho sem grandes dificuldades e riscos, é totalmente seguro e não há indícios de que o teto da caverna desabarà ao ficar no seu topo, embora alguns fragmentos da caverna caíram graças a ação e maus cuidados de alguns turistas.

Algumas pessoas desconhecem ou tratam com insignificância o valor cultural de uma caverna, o estudo de cavernas para o Brasil é de grande importância: a ONG criada por especialistas em cavernas, a SBE (Sociedade Brasileira de Espeleologia) já catalogou mais de duas mil cavernas pelo país e a CECAV (Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas) é responsável pelo zelo de grutas e cavernas, esses são exemplos da atenção especial que essas estalactites recebem.

Embora a vegetação da Serra das Abóboras se encontra em perfeito estado, não havendo indícios de desmatamento, a cidade de Botuporã (sede das comunidades) sempre procura evitar tais atos e no presente, o lugar é protegido pela lei na Seção VI – Da Política do Meio Ambiente na Lei Orgânica do Município – Art. 207º (O município deverá atuar no sentido de assegurar a todos os Cidadãos ao ambiente ecologicamente saudável e equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial a qualidade de vida.), Art. 215º (Tornar como reserva ecológica Municipal as áreas de grandes declividades, os Gerais (Serra) e as nascentes, ainda fica proibido o desmatamento dos cumes e morros.) e Art. 217º (A Serra Geral (Sapiranga)) pertencente ao município de Botuporã, torna-se patrimônio ecológico, preservando as frutas silvestres, a pastagem natural e os animais selvagens.).

3. REGISTROS/FOTOS



Figura 1 - O Sr. Joaquim Vieira Silva em frente à caverna da Serra das Abóboras.



Figura 2 – Árvore Gameleira, encontrada em abundância na Serra das Abóboras.



Figura 3 - Paisagem panorâmica da vista do topo da caverna da Serra das Abóboras



Figura 4 – Uma parcela da paisagem da flora da Serra das Abóboras.



Figura 5 – Alguns dos lixos deixados por turistas na trilha até a caverna.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora faça mais de dez anos que essa caverna fora descoberta, ainda é desconhecida por especialistas em espeleologia. Logo que a cidade local e as vizinhas são pequenas e não possuem estrutura para a observação de um especialista. Nota-se a falta de conscientização fora e dentro da caverna.

A poluição e os danos causados ao ambiente são visíveis. Alguns turistas sem instruções acabam danificando a caverna colocando fogo dentro dela a fim de diminuir o odor causado pelas fezes dos morcegos e das corujas-buraqueiras, não compreendendo que dessa forma o fogo provocado diminui a umidade da caverna. A retirada da umidade fragiliza os salões subterrâneos, podendo até ocasionar um desmoronamento, o que até então começou a ocorrer, um fragmento da caverna desabou, podendo ser notado a insatisfação do Sr. Joaquim.

A movimentação de turistas não é estável, pelo fato de poucos terem o conhecimento do local ou a falta de estruturas seguras que incentivem o ecoturismo. É indicado para pessoas que gostam de se aventurar por trilhas, já que em certas partes do trajeto é necessária a utilização de uma corda para concluir a rota, ressaltando que acima de tudo um bom preparo físico ajuda durante a ida e volta.

Durante todo o percurso até a caverna da Serra das Abóboras pôde-se notar o descuido dos turistas com a natureza. Foram encontradas embalagens de vários materiais que estavam espalhadas ao longo do trajeto, muitos deles demorariam décadas ou séculos para decomporem totalmente, o que deixou o Sr. Joaquim transtornado. Com a contribuição da presente equipe o lixo foi recolhido e descartado da forma mais apropriada possível, levando em conta que não há um centro de reciclagem na cidade local ou em cidades vizinhas.

5. REFERÊNCIAS

ORGÂNICA, LEI. Município de Botuporã, Estado da Bahia. Botuporã, BA: 2002.

RELATOS de Botuporã. Direção: Waldionor Batista. Botuporã-BA, Imagem Bahia, 2010; 1 Documentário (20min)

SILVA, JOAQUIM VIEIRA. Comunidade Mendonça, 11 Jun. 2013. Entrevista a Eujeane Jardim, Fabrício Costa, Lázaro Alves e Natanael Macedo.

LIINHA. Comunidade do Tigre, 29 Maio. 2013. Entrevista a Fabrício Costa.

CULTIVO e adubação de abóboras. Disponível em:

<<http://hortaeflores.blogspot.com.br/2010/03/cultivo-e-adubacao-de-aboboras.html>> Acesso em: 12 jun. 2013.

BOTUPORÃ. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Botuporã>> Acesso em: 12 jun. 2013.

MORCEGOS. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/mundo-animal/morcegos-443423.shtml>> Acesso em 13 jun. 2013.

POR QUE a preservação das cavernas é importante? Disponível em:

<http://www.escolaviva.com.br/7serie/acav_marianam.htm> Acesso em 13 jun. 2013.

CAVERNAS ameaçadas. Disponível em:

<<https://www.ufmg.br/diversa/14/index.php/conservacao/conservacao/Page-3.html>> Acesso em 14 jun. 2013